

Por uma eclesiologia metodista brasileira

Claudio de Oliveira Ribeiro¹

Introdução

O contexto brasileiro em particular e latino-americano em geral experimentaram nas últimas décadas do século XX uma forte renovação eclesial. No caso do metodismo, isso tem exigido, entre outros aspectos, três necessidades básicas. A primeira é a revisão das ênfases religiosas – em sua maioria, conservadoras – trazidas pelos primeiros missionários norte-americanos no século XIX. A segunda, um diálogo com as novas perspectivas teológicas formuladas pela Teologia da Libertação. A terceira, a necessidade de se responder às demandas teológicas que emergem nesse novo milênio, especialmente em torno da temática da Nova Criação.

Nesse sentido, o propósito dessa reflexão é fazer uma aproximação entre os principais aspectos da eclesiologia wesleyana com a teologia latino-americana. Inicialmente, será visto como o pietismo resultante da ação missionária norte-americana produziu uma eclesiologia que pouco responde aos desafios que a sociedade apresenta às igrejas.

Em um segundo momento, serão analisadas, ainda que sucintamente, algumas implicações da eclesiologia wesleyana para o contexto brasileiro. Para efetuar a reflexão sobre uma eclesiologia wesleyana brasileira procuraremos identificar a partir da leitura dos es-

critos de Wesley os aspectos que nos parecem ser fundamentais para o diálogo com o contexto eclesial brasileiro.

Por fim, estarão sendo indicados alguns pontos que visam a aproximar eclesiologia e eco-teologia, dentro de um quadro global de uma teologia metodista latino-americana. Entre esses pontos, serão indicados: (a) a relação entre ecologia, renovação eclesial e justiça social e (b) a imagem de Deus e a renovação da criação.

1. Pietismo e renovação eclesiológica: um casamento possível?

Um primeiro bloco de questões que marca a discussão sobre o metodismo no Brasil está relacionado às formas que essa proposta religiosa se desenvolveu nos EUA no período que antecedeu a inserção em terras brasileiras.² Os estudos indicam que o metodismo implantado no Brasil é pouco wesleyano e reduziu-se a uma forma especial de pietismo: o implantado pelos missionários norte-americanos no século XIX.³ O pietismo norte-americano não era o mesmo que influenciara Wesley no século XVIII. As experiências transplantadas para o Brasil quase nada enfatizavam o compromisso

¹ Professor de Teologia Sistemática da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (Brasil) e pastor da comunidade de Vila Campestre (São Paulo).

² Mortimer Árias indica que a atualidade da teologia wesleyana para o contexto latino-americano deve ser pensada, entre outros aspectos, a partir das distorções que o legado teológico-doutrinário original de Wesley sofreu nos EUA, especialmente as reduções: (i) da santidade bíblica à controvérsia moralista e puritana sobre a santificação, (ii) da renovação evangélica à polémica anticatólica, (iii) da “paróquia mundial”, como expressão missionária, ao “destino manifesto”, como justificativa ideológica/conversionista para a conquista e/ou colonização de outros territórios e (iv) da religião do “homem comum” à religiosidade marcada pelos valores da “classe média”. (“As mediações distorcionistas na transmissão do legado original de Wesley”. In: VV. AA. *Luta e Vida pela Evangelização: a tradição metodista na teologia latino-americana*. São Paulo-SP, Paulinas/Unimep, 1985, p. 73-95).

³ Além do estudo de Mortimer Árias, Op. cit., veja também, na mesma obra, o artigo de Julio de Santa Ana “Herança e responsabilidade do metodismo na América Latina”, p. 47-72.

social presente o movimento metodista primitivo. O metodismo foi reduzido às formas meramente intimistas de compreender a fé.⁴

O pietismo norte-americano foi redutor em diferentes aspectos. Ele acentua as ênfases intimistas e individuais, o que faz inviabilizar as discussões em torno da problemática social da fé cristã. Ligados a esse problema também estão as ênfases dualistas, moralistas e anticatólicas próprias do pietismo que se instaurou nas igrejas.

O filtro ideológico pietista não possibilita – como de fato não possibilitou para os metodistas no Brasil – o despertar da responsabilidade social dos cristãos. Historicamente, as pregações e as atividades de educação cristã no contexto do metodismo brasileiro (e também das demais igrejas evangélicas) repetiram abusivamente que a salvação é individual, que as pessoas envolvidas passaram a acreditar que era. O pietismo reforça as interpretações metafísicas sobre a salvação e coloca barreiras para se compreender que salvação não é individual, mas sim social e cósmica como está evidenciado nos escritos bíblicos e nas reflexões teológicas mais consistentes.

No Brasil, desde os estudos dos sociólogos Elter Dias Maciel⁵ e Antônio Gouvêa Mendonça⁶ não se teve um aprofundamento dos efeitos maléficos do pietismo para a fé cristã. A discussão sobre os principais temas eclesiológicos, assim como a temática da ecologia, não requer somente uma revisão da responsabilidade e da inserção social da igreja. Tal discussão, sobretudo, precisa rever os temas básicos da teologia sistemática como a salvação e a escatologia. Portanto, ou abandonamos as lentes do pietismo como forma de interpretar o mundo e fé ou não teremos a possibilidade de vivenciarmos

⁴ O mesmo processo se deu com as outras igrejas evangélicas. Há boa bibliografia a respeito dessa temática. Veja, entre outras obras, MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo Brasileiro*. São Paulo-SP, Loyola/IEPG, 1990.

⁵ *O Pietismo no Brasil: um estudo de sociologia da religião*. São Paulo-SP, Universidade de São Paulo, 1972 (tese de doutoramento)

⁶ Especialmente *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo-SP, Paulinas, 1984.

a fé cristã e a eclesiologia metodista naquilo que elas possuem de essencial. As reflexões a seguir procuram, de certa forma, responder à esse quadro da realidade eclesial brasileira.

2. Implicações da eclesiologia wesleyana para o contexto brasileiro

Para efetuar a reflexão proposta – ou seja, uma eclesiologia wesleyana brasileira – identificamos a partir da leitura dos escritos de Wesley sete aspectos que parecem ser os mais adequados para tal.

Eles estão apresentados nos parágrafos que se seguem, sob o título “aspectos eclesiológicos fundamentais”. Baseado nesses pontos espera-se dar sequência à reflexão, tendo como ponto de referência a realidade social e eclesial brasileira.

2.1. Aspectos eclesiológicos fundamentais

Entendemos que a concepção eclesiológica wesleyana fundamenta-se na centralidade da fé (em Cristo), da pregação da Palavra e da ministração dos sacramentos. Nesse sentido, na definição de Igreja, a dimensão da ordem eclesiástica, por exemplo, está presente, mas de maneira subordinada aos elementos eclesiológicos centrais, a pouco referidos.

Compreendemos também que a perspectiva teológica da Igreja enfatiza a comunhão em, pelo menos, três aspectos: como exigência do Evangelho – pois a Igreja não pode se transformar em empresa ou clube de lazer, como se tem visto hoje –, como recurso pastoral para consolo mútuo, aperfeiçoamento comunitário da vida cristã e outras experiências de comunhão, e como visibilidade missionária, na medida em que a vida em comunidade constitui-se em si mesma missão da Igreja.

Outro aspecto muito importante para a realidade das igrejas hoje se refere à Ceia e ao Batismo. Entendemos que a teologia wesleyana compreende os sacramentos (Ceia e Batismo) como ordenança bíblica, fonte de renovação da fé, e experiência vital que não podem ser desvalorizados ou, por outro lado, tornarem-se sacramentalismo. Na Ceia do Senhor a comunidade celebra a presença real de Cristo, verdadeiro celebrante, que atualiza, pela mediação do Espírito Santo, a obra do Reino na vida humana. Por meio da celebração, o Senhor comunica a sua graça e motiva a unidade, a partilha, a solidariedade e o exercício da doação humana. O Batismo, da mesma forma, é experiência de comunhão por excelência. O Batismo, relacionado à compreensão da salvação como renovação da imagem de Deus na humanidade, não é o fim, mas o meio pelo qual se atesta a graça de Deus. Ele destaca a pessoa para a herança das promessas da aliança estabelecida pelo Pai, a qual, por intermédio da ação reconciliadora do Espírito, ganha o seu ápice na possibilidade de se receber os benefícios da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Ao sinalizar a vida nova e abundante, o ato do Batismo revela à comunidade sinais de alegria e de prazer acompanhados de novas possibilidades de ação e de integração.

Metodismo é, portanto, experiência comunitária. Wesley valorizou a vivência de *eclesiola in Ecclesia* (pequenos grupos para o cultivo da devocionalidade, fruto positivo do pietismo), o que redundou, como sabemos, nas sociedades unidas², agrupadas geograficamente em “classes” de uma dezena ou mais de pessoas em média. Essa experiência possibilitou para camadas consideráveis da população, especialmente os mais pobres, um processo de personalização em meio à despersonalização própria do ambiente de industrialização da Inglaterra no século XVIII. O individualismo hoje é cada vez maior e, lamentavelmente, até mesmo as experiências religiosas têm reforçado esta situação. Nesse sentido, reconhecemos ser decisiva a recriação do metodismo em nosso meio, ao destacar especialmente a vida comunitária, como o metodismo primitivo fez.

O movimento metodista inicial vivenciou a tensão “ordens e leis *versus* culto e renovação doutrinária”. Temos afirmado que a ênfase metodista no segundo pólo caracterizou-se por algumas de suas posturas, não sem contradições e relutâncias, como: a dinamicidade da pregação, o caráter espontâneo da devocionalidade, o evangelismo como prática de formação de comunidades e a permissão e incentivo para a pregação de leigos sem ordenação episcopal. A Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um Corpo, um organismo vivo, uma comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço.

Reconhecemos que a teologia wesleyana reafirma a catolicidade da Igreja (cf. Efésios) em contraposição ao exclusivismo dos grupos pneumáticos. Também destaca a pluralidade de modelos de organização da Igreja (não concebendo o episcopal com supremacia) conforme a experiência neotestamentária. Esses aspectos precisam ser refletidos e debatidos dentro do contexto em que vivemos hoje.

A reflexão teológico-pastoral sobre a graça de Deus possibilitou para Wesley, uma visão de respeito e de abertura aos outros grupos religiosos, cristãos e não-cristãos. Apesar de questionar doutrinas ou preceitos de outros grupos, reconhecemos que Wesley valorizou e aprendeu com o outro, com o diferente. A graça universal manifesta pelo Espírito de Deus não se restringe a um meio ou a um grupo religioso específico. O metodismo é a afirmação dessa perspectiva. É necessário também falar e viver concretamente o amor, dom maior de Deus. Trata-se de se ter o propósito centrado, não na igreja, mas no mundo.

2.2. A vida em comunidade como fonte de utopia

Um dos pressupostos fundamentais da perspectiva teológica latino-americana é a vivência comunitária. Nesse sentido, encontra-se uma riqueza de difícil descrição no cotidiano e nas práticas efeti-

vas das Comunidades Eclesiais de Base no contexto católico-romano e de grupos similares no campo protestante.⁷

A realidade de vida dos pobres, vivida em meio ao sofrimento, à gratuidade e aos esforços políticos, historicamente tem sinalizado aspectos fundamentais do Reino. Essa compreensão possibilita uma série de aproximações entre as eclesiologias wesleyana e latino-americana.⁸

2.2.1. A comunidade como lugar privilegiado de comunhão

A dificuldade de relacionamento humano tem sido uma das características da atualidade. Isso vem atingindo toda a sociedade, mas a situação das famílias pobres é, de modo especial, conflitiva, por razões históricas e estruturais.

Os aspectos violentos da falta de infra-estrutura social se refletem visivelmente nas igrejas. As reuniões eclesiais, em termos metafóricos, tornam-se um *fratricídio*, uma vez que a visão sectária – fruto das diferentes formas de pietismo, tanto no contexto católico como no protestante –, as muitas divisões internas e a burocracia pastoral geram fortes disputas e tensões entre os membros das igrejas.

⁷ Sobre a eclesiologia latino-americana, veja: ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo-SP, Paulinas, 1982; BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder: ensaios de eclesiologia militante*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1981; *E a Igreja se fez povo – Eclesiogênese: a Igreja que nasce do povo*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1986; CODINA, Víctor. *Para compreender a Eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo-SP, Paulinas, 1993; COMBLIN, José. *A Igreja e sua missão no Mundo*. Breve Curso de Teologia - Tomo III. São Paulo-SP, Paulinas, 1985; *O Povo de Deus*. São Paulo-SP, Paulus, 2002; MUÑOZ, Ronaldo. *A igreja no Povo: para uma eclesiologia latino-americana*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1985; RICHARD, Pablo. *A força espiritual da Igreja dos pobres*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1989; SANTA ANA, Júlio. *Pelas Trilhas do Mundo, a caminho do Reino*. São Bernardo do Campo-SP, Imprensa Metodista, 1985; SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo-SP, Loyola, 1982; TORRES, Sérgio (org.). *A Igreja que surge da Base: eclesiologia das comunidades cristãs de base*. São Paulo-SP, Paulinas, 1980.

⁸ Quanto às interpretações sobre a eclesiologia wesleyana, veja, entre outras, a obra de MIGUEZ-BONINO, José. *Metodismo: Releitura Latino-Americana*. Piracicaba, UNIMEP/FTM, 1983.

Todavia, a experiência concreta vivida pelas comunidades – ainda que com distorções – apontam para uma *koinonia*. Também é notório que os elementos de festividade, alegria, emocionalidade e abertura – intensamente presentes na matriz cultural e religiosa do povo brasileiro – cooperam para essa possibilidade.

Diante dessa contradição, é possível identificar muitas lacunas. Uma delas é a insensibilidade pastoral para tratar dos conflitos, de tal maneira que possam ser canalizados para uma vivência fraterna. As igrejas caracterizam-se, como já visto, pela generalidade em seu discurso e por um dualismo que advogam para si o lugar do bem. Na maioria das vezes, no campo pastoral, o ponto de partida é um idealismo, ao considerar a igreja como lugar de intensa fraternidade e amor, e não se desce a sua realidade conflituosa. Quando o ponto de partida são os próprios conflitos existentes, não há abalos psicológicos em demasia ao se defrontar com eles, e, na superação, gera-se um estado de alegria e de satisfação (cf. Romanos 12.9-21).

O pressuposto dessa concepção é que o amor não é próprio das comunidades, na medida em que “nós nos amamos porque Deus nos amou primeiro” (1 João 4.19). Ele constrói a comunidade em amor, a qual é a reunião daqueles que, sob a ação do Espírito Santo, Jesus tem tornado dispostos e prontos para a experiência da plenitude da vida. É a realização subjetiva do que objetivamente ocorreu com Cristo em sua morte e ressurreição.

A espiritualidade bíblica reconstrói a vivência eclesial, pois a institucionalidade da Igreja não garante a comunhão. A compreensão bíblico-teológica é de que a Igreja, em si mesma, não é santa. Ela partilha, como comunidade do Espírito entre a humanidade, seus pecados e sua culpa, e coloca-se absolutamente na necessidade de sua justificação em Cristo.

O que a realidade das igrejas tem indicado, ainda que de forma caricata, é que as suas tendências teológicas⁹ não consideram a comunhão eclesial como valor. Ou seja, por si mesma a comunhão da Igreja não é um objetivo – ou, na melhor das hipóteses, está bem abaixo na escala de preocupações e de prioridades pastorais. Aos “conservadores”, interessa a estabilidade institucional e doutrinária; aos “carismáticos”, convém outra formulação dessa doutrina; aos “progressistas”, importa o engajamento político-social (cf. 1 Coríntios 12.12-31). A mensagem neotestamentária desafia as igrejas à sua vocação de unidade: “Com toda humildade e mansidão, com longanidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.1-6).

A perspectiva não é minimizar o engajamento político-social ou a discussão doutrinária. O que se busca é uma espiritualidade para essas demandas que não seja artificial, como por vezes encontrada nos movimentos “carismáticos”, ou racionalista, como nos setores “conservadores” e “progressistas”. A eficiência deve estar num contexto profundo e plenamente humano – espaço de um encontro gratuito com o Senhor –, transformando-se em eficácia.

2.2.2. A comunidade como meio de discernimento e seguimento

A comunidade, se forem realçadas suas possibilidades de exercício da comunhão, é uma experiência antecipada do Reino de Deus. Da mesma forma que a comunidade primeira dos cristãos se sentia feliz em partilhar os bens e se amar (cf. Atos 2.43-47; 4.32-37), hoje também é possível se amar-partilhar.

⁹ Estamos seguindo a distinção comum que indica a presença de três grupos com perspectivas teológico-doutrinárias distintas no interior das igrejas: “conservadores” (associados historicamente à visão burocrática e pietista norte-americana), “carismáticos” (reação ao primeiro grupo a partir de ênfases cúlitas e doutrinárias próprias do campo pentecostal) e “progressistas” (reação também ao primeiro grupo, a partir da ênfase na responsabilidade social e política da Igreja). Veja: MATTOS, Paulo Ayres. *Pastoral Metodista: ontem, hoje, amanhã*. São Bernardo do Campo, FTIM/IMS, 1987.

Há, portanto, uma espiritualidade que dá sentido à vida comunitária e aos esforços de formação de comunidades. Trata-se de um modo de ser, uma nova visão da vida e da fé: é a eclesiologia que surge da escuta da Palavra de Deus. Para a comunidade realmente encontrar-se consigo mesma e agir na mesma linha de Jesus Cristo e seus apóstolos, há somente uma atitude, ou seja, submissão e obediência à Palavra de Deus.

Essa escuta, como modo de vida eclesial, estabelece, em três momentos, uma metodologia de comunhão, diálogo e disciplina. A Palavra de Deus não é ouvida individualmente, como nas práticas pietistas reforçadas pelos novos movimentos religiosos (como a Teologia da Prosperidade, por exemplo), mas na escuta do irmão. Essa abertura de reconhecer no outro o caminho da Palavra estabelece uma relação essencialmente comunitária. Na comunidade, ao ouvirem a Palavra de Deus, as pessoas se encontram, se humanizam, se escutam.

A vivência eclesial possibilita o acompanhamento espiritual. Trata-se, não de relações verticalizadas, impositivas, conforme a realidade das igrejas por vezes apresenta, mas de diálogo e espaço de discernimento. As pessoas, por meio de seus carismas (portanto não necessariamente clérigos), podem contribuir com as outras nos momentos de crise, decisões importantes, caminhos a serem seguidos ou aprofundados.

Na comunidade também se vive a obediência. Os elementos eclesiológicos da gratuidade, da liberdade e da espontaneidade nas relações não significam uma perspectiva sem referenciais. A obediência à Palavra, ouvida na comunhão e discernida no diálogo, é escuta interior que leva aos caminhos da solidariedade, em especial com os pobres e com os que sofrem.

2.2.3. A comunidade como espaço de diálogo e de autenticidade

A eclesiologia que compreende a vida em comunidade como fonte de utopia requer esforços pastorais específicos. Nesse sentido, por exemplo, no aspecto litúrgico é necessário, entre outros, dar uma dimensão mais criativa e menos rotineira à celebração da Eucaristia, enfatizar que ela é comunhão entre irmãos e que não importam as ênfases moralistas e legalistas da prática das igrejas.

No aspecto político, é necessário distender as relações clérigos-leigos, recuperar a dimensão diaconal e criar discursos pastorais com maior transparência. Não se trata de práticas demagógicas ou populistas, mas eclesialmente os agentes pastorais precisam estabelecer uma relação mais harmônica e fraterna com os membros da igreja.

É comum, entre clérigos e comunidades, um autêntico embate: para que a igreja se torne “progressista”; para pentecostalizar a igreja; ou para não permitir essas duas coisas. No entanto, o que é necessário é a conjugação de esforços teológico-pastorais para a comunidade local ser ela mesma; ou seja, é preciso haver mediações para que as pessoas falem o que pensam, ouçam os irmãos e irmãs e tirem conclusões que as façam crescer na fé. A possibilidade de as pessoas serem elas mesmas (autenticidade) e poderem falar, ouvir, concluir (maturidade) é uma fonte rica de felicidade e de utopia.

Outros e diferentes exemplos podem ser listados ou deduzidos a partir desses. A criatividade teológica e pastoral própria do contexto latino-americano e a perspectiva propositiva de Wesley parecem formar uma composição de potencial ainda não totalmente mensurado.

2.2.4. A comunidade como espaço de expressão devocional e lúdica

Para as reflexões acerca de uma eclesiologia e de uma pastoral popular e sobre os modelos de ação pastoral entre os empobrecidos, um fato que tem sido chamado a atenção é a violência do discurso

pastoral politizado diante da expectativa religiosa dos que vão à igreja.¹⁰ Quanto a isso, diante das referências teológicas anteriormente apresentadas, pode-se advogar, sem receios, que a comunidade local seja uma “bolha” na qual os membros podem sentir-se “bem em flutuar um pouco acima de sua realidade”. No entanto, em função das mesmas referências teológicas, é necessário distinguir qual o limite entre essa perspectiva e as práticas alienantes que marcam as vivências no interior das igrejas, especialmente as relacionadas com o pietismo e similares.

A primeira negação a ser feita é a “pastoral de sucesso”. Regra geral há maior compromisso do clérigo com a instituição do que com a comunidade local e seus desafios. Acompanhando tendências conjunturais de carismatização das igrejas, tem sido comum que lideranças, avessas a essa experiência, tornem-se “carismáticas”, no intuito de adequar-se às expectativas majoritárias ou em ascensão em suas comunidades.

Outra negação necessária é a total evasão do mundo como felicidade, como tem sido historicamente a pregação das igrejas no Brasil; ou mesmo a fuga das explicações mais racionais e científicas das vicissitudes da vida. Esse é um aspecto complexo que acrescenta uma série de questionamentos à prática pastoral, por sua vez já complexa. Porque, se as pessoas não podem fugir totalmente de suas realidades, por outro lado, encará-las é uma difícil tarefa, devido ao elevado grau de sofrimento e de degradação da vida humana na atualidade.

No campo da pastoral popular é impressionante a precariedade na qualidade de vida das pessoas. A maioria tem a saúde mental debilitada; os problemas familiares e existenciais são diversos; a vida material é desumana: moradias minúsculas, insegurança no trabalho, pouco ou nenhum lazer. Diante disso, são necessários uma pastoral e esforços litúrgicos de “consolação”, mas na maioria das vezes, ao

¹⁰ Cf. SCHWANTES, Milton. “Toda a Criação Geme e Suporta Angústias”. *Tempo e Presença*, 11(246), out. 1989, p. 29-30.

menos nos ambientes orientados pela perspectiva da libertação, a ênfase encontra-se somente na “pastoral da transformação”.

Como propor projetos/empenho/reflexões/estudos/reuniões em meio a tanto sofrimento? Será possível que um deslocamento um pouco acima da realidade possa ajudar a enfrentá-la? Ou a fé e a vivência eclesial estão confinadas a serem uma completa fuga de tudo?

Para uma renovação eclesial e litúrgica que leve em conta essa tensão, algumas indicações são bastante propícias. No culto, a Igreja realiza a *communio sanctorum* numa forma definida. Ele redimensiona o presente, ao não se confundir com o viver diário, seja do mundo, seja da própria comunidade, e a Igreja adquire sua natureza profética e escatológica.

A experiência da salvação é o direcionamento da vida ao Reino de Deus, ao questionar e desestabilizar a realidade presente. O futuro antecipado pela compreensão utópica cria, com a dimensão lúdica, outro tipo de relacionamento com a realidade. O lúdico é uma forma de contestação e de desestabilização do presente, e sinaliza a infinitude e a misericórdia de Deus na subversão do real.¹¹

As propostas politizadas que normalmente são apresentadas às igrejas (análises de conjuntura, debates, participação em associações, sindicatos e partidos) precisam estar presentes, pois são instrumentos da missão e ajudam a viver. Ver, racionalmente, o mundo e entender suas engrenagens sócio-político-econômicas são aspectos fundamentais da vida e da fé. No entanto, ao mesmo tempo, a comunidade local precisa ser o lugar de prazer onde ela ora, canta e cultua a Deus. Um espaço de “felicidade que não signifique a evasão do mundo, mas que, ao mesmo tempo, viva na dimensão constante da transcen-

¹¹ Cf. VELASQUES FILHO, Prócoro. “A Salvação como engajamento no processo de abertura para o futuro: a libertação e a celebração da vida”. *Ciências da Religião, 1(1)* (A Vida em Meio à Morte num país do Terceiro Mundo). São Paulo-SP, Paulinas, jun. 1983, p. 168.

dência do mistério, de onde brotam os contornos de toda experiência que comece a responder aos anseios infinitos do coração”.¹²

Outro aspecto eclesial por demais agradável são as festas. Quanto mais festa, mais senso de comunidade, mais trabalho partilhado, mais alegria e comunhão, mesmo em meio à dor.¹³ As manifestações da cultura não podem ser reduzidas pelo olhar ortodoxo das ciências ou da pastoral. Isso já ocorreu com os modelos de organização popular no Brasil e redundou em sérios danos tanto à prática política dos grupos orientados pelos referenciais de esquerda, como à produção teológica e à pastoral popular no Brasil.

As festas, a ruptura irônica e criativa com os padrões sociais, as celebrações, o prazer, as devoções, o cotidiano – sofrido e alegre – revelam o papel da dimensão lúdica na existência humana. E tal é a novidade (Evangelho) – sem a necessidade de instrumentalização –, que surgem daí reforço de identidade, socialização e um refazer da vida com novas utopias e dignidade.

2.2.5. A comunidade como canal de solidariedade, partilha e serviço

John Wesley articulou as perspectivas teológicas de missão e de reforma, proporcionando uma visão ampla de ambas. Essa visão pode ser sintetizada na expressão que afirma os objetivos do meto-dismo em “reformat a nação, particularmente a igreja e espalhar a santidade bíblica por todo o mundo”.

A missão requer uma organização eclesial cujo caráter comunitário deve promover um aprofundamento da fé cristã, de tal forma que ela não seja reduzida à “convicções teóricas” (intelectualismos) ou à “costumes exteriores” (moralismos). A missão também requer um estilo de vida pessoal e comunitário, marcado pelo despojamento

¹² IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo-SP, Paulinas, 1983, p. 163.

¹³ Para melhores indicações teológicas veja a conhecida obra, COX, Harvey. *A Festa dos Foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1974.

e pela ação solidária, conforme a tradição wesleyana e as perspectivas da teologia latino-americana indicam. Uma eclesiologia metodista brasileira necessariamente precisa conter essa visão missionária.

A missão tem como fundamento a noção do “mundo como espaço do Reino de Deus”¹⁴; ou como usualmente nos referimos a expressão de Wesley: “o mundo é a minha paróquia”. Tal noção está relacionada à doutrina da santificação que, como se sabe, vai além da vida religiosa pessoal e inclui os aspectos da realização parcial e fragmentária do Reino no presente e os da responsabilidade social cristã.

Temos reafirmado que nas práticas e escritos de Wesley estão fortemente conectadas as noções de missão e diakonia. A ação solidária e a preferência para as pessoas mais pobres marcam o movimento metodista e a teologia wesleyana, não obstante as diferentes interpretações sobre o efeito dessas práticas no processo de transformação (ou manutenção) da estrutura social inglesa no século XVIII.

A partir da teologia de Wesley, e de outros referenciais importantes para o contexto brasileiro, temos refletido sobre o sentido diakonal da vida cristã. A diakonia, como dimensão eclesial, permite uma síntese da vivência de fé comprometida com os desafios da realidade social e política com aquela de maior apelo devocional e religioso. Ela ajuda os grupos a olharem para fora de si mesmos e não se conformarem com a realidade (Cf. Romanos 12.1-2). Além disso, como são grandes os desafios, a dimensão ecumênica é reforçada e abrem-se novos canais para a unidade da Igreja.

A comunidade que olha somente para si perguntará sempre como Tiago e João – os filhos de Zebedeu: se podem, na glória de Cristo, sentar-se um à direita e outro à esquerda. Mas, Jesus os desafia: “Entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se

grande entre vós, será este o que vos sirva e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos” (Marcos 10.35-45).

O critério da diakonia firma-se na resposta solidária às demandas concretas criadas em torno do sofrimento humano. Essas alcançam enormes proporções quantitativa e qualitativamente, o que significa dizer que os esforços e métodos necessitam ser plurais. Essa dimensão de ecumenicidade das ações solidárias e de serviço possibilita, portanto, ações inclusivas de cristãos e não-cristãos, além de tantos outros cuja situação de exclusão não lhes permite atuar em espaços formais, eclesiásticos ou burocráticos. A *diakonia* baseia-se essencialmente nos valores evangélicos e pode ser vivenciada tanto nos espaços orgânicos e de maior institucionalidade como na dispersão e na diáspora da vida humana e do exercício religioso da fé.

3. A eclesiologia metodista tendo em vista uma eco-teologia

Os temas teológicos básicos em Wesley que fundamentam e motivam uma inserção social dos cristãos – e tanto a renovação eclesiológica como a responsabilidade ecológica das igrejas está aí inserida – estão relacionados ao “homem novo” (sic), à conversão e à santidade social. Eles representam a justificativa bíblico-teológica do grande plano da salvação da humanidade.

Os aspectos sociais da santidade cristã devem ser concretizados não apenas ou meramente por simpatia ou concordância filosófica-ideológica, mas, sobretudo, por ser exercício da graça e da misericórdia de Deus. Da mesma forma, como se sabe, a teologia wesleyana possui uma perspectiva ampla da salvação, que não se reduz à salvação individual, mas refere-se, também, às dimensões social e cósmica.

¹⁴ KLAIBER, Walter & MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: um compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo-SP, EDETEO/Cedro, 1999.

3.1. *Ecologia, renovação eclesial e justiça social*

John Wesley e o movimento metodista inicial, como se sabe, tiveram especial sensibilidade com as questões sociais e econômicas que afligiam o povo, em especial, a pobreza e a escravidão. Essa visão está em sintonia com o profetismo bíblico e as noções de *dia-konia* e da justiça do Reino de Deus. Isso faz com que a teologia wesleyana possa dialogar com bastante propriedade com diversas correntes teológicas e pastorais, sobretudo com a teologia latino-americana desenvolvida na segunda metade do século XX.

No entanto, diferente da teologia latino-americana, Wesley não observou atentamente o caráter estrutural dos males sociais denunciados, embora as reflexões teóricas e as políticas mais críticas sejam posteriores a ele. Mesmo assim, os estudos históricos indicam que o metodismo contribuiu, com suas ênfases religiosas intimistas, para uma atenuação do ímpeto revolucionário da classe trabalhadora emergente na Inglaterra do século XVIII.¹⁵

Para a atualização do pensamento teológico-pastoral de Wesley não bastaria, portanto, a noção de santidade social, mas seria necessária a crítica às estruturas sociais e políticas com raízes no liberalismo econômico.¹⁶ O tema da responsabilidade ecológica das igrejas, dentro dos marcos que estabelecem a relação entre ecologia e missão, precisa ser aprofundado com base nessa perspectiva.

A teologia wesleyana afirma o metodismo como forma de cristianismo vital – que vai além do literalismo bíblico e do raciona-

lismo doutrinário, ao realçar a graça de Deus como fato supremo da experiência religiosa humana – e de cristianismo equilibrado, que possui a Bíblia como fonte para evitar o fanatismo e outras formas de distorção da fé, a educação como instrumento de desenvolvimento da conversão, a ênfase social para evitar o individualismo, e a vocação ecumênica para não permitir o fechamento denominacionalista.¹⁷

A substancialidade da fé cristã advém da leitura e da valorização da Bíblia na vida da comunidade, devidamente lida e articulada com a amplitude da experiência humana, com os elementos da tradição, com os princípios básicos da racionalidade e com a valorização da dimensão global da criação do mundo, conforme atestam as reflexões mais atuais no Brasil sobre o que se denominou “quadrilátero wesleyano” (experiência, razão, tradição e criação).¹⁸

3.2. *A renovação da criação*

A reflexão teológica sobre ecologia encontra no pensamento de Wesley um frutífero caminho na distinção feita por ele da imagem de Deus na humanidade, nos termos da imagem natural, política e moral. Ao lado disso, a renovação da imagem de Deus na humanidade é tema central na teologia wesleyana, especialmente no tocante ao tema da salvação, conforme atestam os seus mais apurados leitores.¹⁹

A imagem natural é, sobretudo, marcada pela capacidade humana de entendimento (razão), vontade e liberdade. Ela se dá em maior grau na humanidade, mas também se revela nos animais. A vivência autêntica da fé, o exercício da vida comunitária dela decor-

¹⁵ Hugo Assmann, teólogo católico, destaca as teses de historiadores como E. P. Thompson e E. Hobsbawm para lembrar que o metodismo obteve um peso social na Inglaterra do século XVIII, mas as ênfases religiosas intimistas atenuaram os processos de transformação na estrutura da sociedade e que o voluntarismo – e mesmo, ingenuidade – na prática social não permitiu que o movimento metodista estabelecesse mediações históricas e políticas que viabilizasse a santidade social. In: “Basta a santidade social? Hipótese de um católico romano sobre a fidelidade metodista”. VV. AA. Luta e Vida pela Evangelização, Op. Cit., p. 189-202.

¹⁶ Além do texto de Hugo Assmann, acima citado veja outros textos na mesma obra, em especial o de Clory Trindade de Oliveira “Aspectos Políticos e ideológicos do metodismo histórico”, p. 34-43.

¹⁷ Conforme atestado na conhecida obra STOKES, Mack. *As Crenças Fundamentais do Metodismo* São Paulo-SP, Imprensa Metodista, 1962.

¹⁸ Cf. VV. AA. “Teologia em Perspectiva Wesleyana: Marcos Metodistas”. *Caminhando – Revista Teológica da Igreja Metodista*, n. 6, 1996.

¹⁹ Uma obra que de maneira mais substancial tem apresentado tal preocupação é RUNYON, Theodore. *The New Creation: John Wesley's Theology Today*. Nashville, Abingdon Press, 1998. Nessa obra, o pensamento de Wesley é apresentado sistematicamente, em especial a associação necessária entre criação, salvação e escatologia e também a renovação da criação em seu sentido amplo a partir da renovação da imagem de Deus na humanidade.

rente, a reflexão bíblica e teológica, entre outros aspectos, cooperam com a necessária e urgente renovação da imagem de Deus na humanidade. Nesse sentido, eclesiologia e eco-teologia encontram-se fortemente ligadas.

A imagem política está relacionada à capacidade de comunicação entre o Criador e o conjunto da criação. Não se trata de antropocentrismo, mas de destacar o caráter da mordomia cristã, da responsabilidade do ser humano com o cosmos. A relação entre humanidade, eclesialidade e meio ambiente, portanto, depende diretamente da renovação da imagem política de Deus na humanidade.

Wesley ainda distingue a imagem moral de Deus na humanidade. Não se trata de moralismos baseados no cumprimento da lei, mas na inclinação para a obediência e seguimento ao sopro do Criador.²⁰ As reflexões eclesiológicas anteriormente indicadas revelam tal preocupação.

Em todos os três níveis há a influência da antropologia negativa presente no pensamento de Wesley, fruto da incidência de filosofias como a de Hobbes e outros. Daí, a constante ênfase no pecado original que afetaria o ser humano em sua capacidade de refletir a imagem de Deus, quer seja natural, política ou moral.²¹

No caso da reflexão teológica sobre ecologia, a imagem política de Deus no ser humano, por estar corrompida, necessitaria passar por um processo de renovação. Trata-se de questão eminentemente

²⁰ Id. *ibid.*, p. 13-25

²¹ As discussões em torno do tema do pecado original parecem ser – não somente no campo da antropologia teológica, mas na reflexão teológica como todo – um divisor de águas. Jaci Maraschin, no artigo “A linguagem ontológico-existencialista de Tillich” (*Estudos de Religião*, 10, julho de 1995) situa que “esse ponto de partida tem caracterizado todas as teologias ortodoxas e tradicionais (...) A teologia da Queda e do Pecado Original tem sido utilizada para acentuar o que se poderia chamar de ‘experiência de culpa’ e a consequente valorização do ministério do perdão. Tem havido e há, no entanto, movimentos que preferem não partir desse ponto, mas da ‘bênção original’, retirando das descrições da existência o pessimismo que a mitologia da queda e do pecado original ressalta. É o conhecido caso de Matthew Fox com sua teologia mais otimista expressa em obras como *Original Blessing: a primer in Creation Spirituality* e *The coming of the Cosmic Christ*”. Análise similar pode ser feita, no contexto latino-americano, em relação a eco-teologia de Leonardo Boff.

salvífica, que não pode ficar desfocada pelas novas formas de pietismo e de intimismo religioso. A responsabilidade ecológica da Igreja e todas as questões relativas aos desafios pastorais do tema ecologia e missão requerem uma profunda reconstituição da compreensão teológica sobre a salvação.

A perspectiva ampla de salvação que a teologia metodista possui pode e deve iluminar a leitura que as igrejas fazem dos escritos de Wesley. A expressão “salvação das almas”, por exemplo – tão usada por Wesley – foi e tem sido distorcida no contexto pietista brasileiro. Todavia, sabemos que ela incluía o aspecto explicitamente religioso (a renovação da relação pessoal com Deus) e o aspecto integral da vida humana (a experiência de Deus em todos os âmbitos da vida). Essa compreensão ampla é uma das marcas fundamentais da ação evangelizadora, como se tornou expressa na articulação necessária entre “atos de piedade e obras de misericórdia”. Portanto, “a salvação, segundo Wesley, envolve a renovação dessa imagem de Deus na humanidade”²², e, dessa forma, a reflexão eclesiológica necessita estar em sintonia com as perspectivas da eco-teologia.

Conclusão

Com essa reflexão fizemos uma tentativa de aproximação entre os principais aspectos da eclesiologia wesleyana e a latino-americana. Partimos do princípio que o contexto brasileiro experimentou uma forte renovação eclesial na segunda metade do século XX. No caso do metodismo, isso tem exigido, por exemplo, uma revisão das ênfases religiosas pietistas introduzidas pelos primeiros missionários norte-americanos no século XIX, a partir de uma aproximação maior com as pesquisas relativas ao metodismo primitivo ínglês.

²² RUNYON, Theodore, *Op. Cit.*, p. 202.

Outro ponto de referência de nossas reflexões é o fato de o metodismo brasileiro ser ao mesmo tempo fruto e agente da renovação eclesial vivida com a Teologia da Libertação. No sentido de aproximar ainda mais essas duas perspectivas eclesiológicas, destacamos a compreensão da comunidade como lugar privilegiado de comunhão, como meio de discernimento e seguimento, como espaço de diálogo e de autenticidade, como espaço de expressão devocional e lúdica, e como canal de solidariedade, partilha e serviço aos pobres.

Procuramos encaminhar as nossas reflexões visando suprir, ainda que modestamente, a necessidade de se responder às demandas teológicas em torno da temática da Nova Criação. Para isso, enfatizamos a relação entre ecologia, renovação eclesial e justiça social e a compreensão salvífica que afirma a necessidade da renovação da imagem de Deus na criação.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo-SP, Paulinas, 1982.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder: ensaios de eclesiologia militante*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1981.
- _____. *E a Igreja se fez povo – Eclesiogênese: a Igreja que nasce do povo*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1986.
- CODINA, Víctor. *Para compreender a Eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo-SP, Paulinas, 1993.
- COMBLIN, José. *A Igreja e sua missão no Mundo*. Breve Curso de Teologia - Tomo III. São Paulo-SP, Paulinas, 1985.
- _____. *O Povo de Deus*. São Paulo-SP, Paulus, 2002.
- COX, Harvey. *A Festa dos Foliões: um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1974.
- IDÍGORAS, J. L. *Vocabulário Teológico para a América Latina*. São Paulo-SP, Paulinas, 1983, p. 163.
- KLAIBER, Walter & MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: um compêndio de Teologia Metodista*. São Bernardo do Campo-SP, Editeo/Cedro, 1999.

- MACIEL, Elter Dias. *O Pietismo no Brasil: um estudo de sociologia da religião*. São Paulo-SP, Universidade de São Paulo, 1972 (tese de doutoramento)
- MARASCHIN, Jaci. “A linguagem ontológico-existencialista de Tillich”. *Estudos da Religião*, 10, julho de 1995.
- MATTOS, Paulo Ayres. *Pastoral Metodista: ontem, hoje, amanhã*. São Bernardo do Campo, FTIM/IMS, 1987.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo Brasileiro*. São Paulo-SP, Loyola/IEPG, 1990.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo-SP, Paulinas, 1984.
- MIGUEZ-BONINO, José. *Metodismo: Releitura Latino-Americana*. Piracicaba, UNIMEP/FTIM, 1983.
- MUÑOZ, Ronaldo. *A igreja no Povo: para uma eclesiologia latino-americana*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1985.
- RICHARD, Pablo. *A força espiritual da Igreja dos pobres*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1989.
- RUNYON, Theodore. *The New Creation: John Wesley's Theology Today*. Nashville, Abingdon Press, 1998.
- SANTA ANA, Júlio. *Pelas Trilhas do Mundo, a caminho do Reino*. São Bernardo do Campo-SP, Imprensa Metodista, 1985.
- SCHWANTES, Milton. “Toda a Criação Geme e Suporta Angústias”. *Tempo e Presença*, 11(246), out. 1989, p. 29-30.
- SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo-SP, Loyola, 1982.
- STOKES, Mack. *As Crenças Fundamentais do Metodismo*. São Paulo-SP, Imprensa Metodista, 1962.
- TORRES, Sérgio (org.). *A Igreja que surge da Base: eclesiologia das comunidades cristãs de base*. São Paulo-SP, Paulinas, 1980.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. “A Salvação como engajamento no processo de abertura para o futuro: a libertação e a celebração da vida”. *Ciências da Religião*, 1(1) (A Vida em Meio à Morte num país do Terceiro Mundo). São Paulo-SP, Paulinas, jun. 1983, p. 168.
- VV. AA. *Luta e Vida pela Evangelização: a tradição metodista na teologia latino-americana*. São Paulo-SP, Paulinas/Unimep, 1985.
- VV. AA. “Teologia em Perspectiva Wesleyana: Marcas Metodistas”. *Caminhando – Revista Teológica da Igreja Metodista*, n. 6, 1996.